

The background features a complex, layered composition. At the top, a large, light-colored, semi-circular shape with a fine dot pattern is set against a dark blue background. Below this, a solid dark blue semi-circle is visible. The middle section consists of several overlapping, wavy, light-colored shapes with thin, dark blue lines, creating a sense of depth and movement. The bottom portion of the image shows more of these layered, wavy shapes, with some featuring the same fine dot pattern as the top element. The overall color palette is dominated by dark blue, light beige, and white, with fine lines and patterns adding texture and complexity.

A NEUROSE DO TEMPO

Vivian Pizzinga

Dizem que sou neurótica obsessiva. Outros me definem como capricorniana. Nasci numa quarta-feira quente em janeiro. Mesmo sendo mulher, há quem me saiba como *homo sapiens*. Mulher *sapiens*, no caso. Essas definições me interessam em graus diferentes, não sou dada a ditos astrológicos, verdade seja dita, mas me chamou atenção essa definição da psicanálise que minha namorada me forneceu, ela que estuda essas coisas. Refiro-me à definição que me diz neurótica obsessiva. Ela me disse: “Você é muito neurótica obsessiva”. “Por quê?”, retruquei, zangada e curiosa em parcelas desiguais. “Cheia de cismas, manias, controles, regrinhas, querências de uniformidade, um saco!”.

Sim, esse diálogo aconteceu em uma discussão. Talvez briga. Rusga. Desavença. Não sei as diferenças específicas dessas noções, mas se todas elas carregam momentos diferentes de tensão, certamente esse era um momento tenso entre nós. Já estou sendo prolixa de novo, minha namorada falou que isso também pode ser típico de uma neurótica obsessiva. Ela disse que, se eu quiser seguir na carreira de docente, preciso antes aprender a me expressar com um pouco mais de clareza, ser menos obcecada por detalhes. Preciso fazer com que meu interlocutor me entenda,

traduzir as palavras rebuscadas em termos mais acessíveis, tornar o conhecimento inteligível. Neuróticos obsessivos são bons cientistas, ela admitiu, lá pelas tantas.

Para tentar encurtar o assunto, o que eu queria dizer é que, de todas essas nomeações, essa foi a que mais me interessou. Mania de controle, fixação em minúcias, pensamento insistente em questões, emoções mais contidas, avareza com o tempo, avareza com a vida, sem contar a pão-durice nua e crua. Sim, fui atrás e aprofundi as informações que a Viviane me forneceu de má vontade, e cujo interesse que me despertaram eu não queria confessar. Percebi, ao final de minhas leituras, que sou mesmo assim, que se houver categorias diferenciadas de pessoas conforme seu jeito de ser, suas formas de se relacionar, sou mesmo uma neurótica obsessiva, e essa constatação veio pelo fato de notar que havia claramente entrado na neurose do tempo. E não conseguia sair.

A neurose do tempo

A neurose do tempo não começou em mim. Estive conversando com a Viviane e ela me disse que essa sanha de ser produtiva, de não descansar, de não dormir mais do que oito horas por noite (geralmente não consigo nem esse tanto, mas tampouco compenso, quando me é dado compensar), de acordar cedo mesmo aos domingos, de me sentir culpada quando acho que devia ter feito algo e não fiz, ainda que esteja em semana de férias, isso tudo é a neurose do tempo. Esse sentir-se mal, essa dívida comigo mesma, nada disso me pertence em sua origem. Exigências sociais internalizadas, é o que a Vivi fala. Mas em mim a coisa se agrava, chego a um paroxismo, e o reconheço agora, fazendo esse inven-

tário. Noto que comigo a neurose do tempo é algo grave, mas quando estou imersa na rotina da vida, sequer percebo, sou movida por essa neurose, persigo tarefas como um ponteiro de relógio bem adestrado. Eu sou um ponteiro de relógio bem adestrado, o ponteiro de relógio do mês. E o cúmulo do paroxismo significa nunca me atrasar nos compromissos e cobrar os atrasos alheios de diferentes formas, uma vez que enquanto estou esperando, estou perdendo tempo. E tempo não é dinheiro, tempo é utilidade, que é um mundo de coisas: é descanso, é conhecimento, louça lavada e pia limpa, mensagem no WhatsApp respondida, chão varrido, exercício físico realizado, três abdominais, talvez mais. Além disso, todos os trajetos que faço na rua são sempre pensados em seus milimétricos detalhes para que eu não perca tempo. Claro que posso imaginar um itinerário sucinto e, nesse caminho, encontrar alguém que me pare e cuja conversa não me interesse tanto, e que, ao fim e ao cabo, eu demore mais do que imaginava demorar. Mas certamente tentarei sempre traçar diagonais nos meus percursos, e foi isso o que gerou a discussão com a Viviane, semanas atrás, fazendo com que ela dissesse que sou uma neurótica obsessiva. Ela estava certa: corro atrás de moldar o tempo para que seja completamente moldável, de que o controle seja absoluto (ou quase, já que vivo numa cidade de engarrafamentos e da cultura do atraso como praxe benquista). Não gosto de dormir, não gosto de rede, não gosto de ir à praia, não gosto de ficar à toa. Há verbos que odeio e um deles é “zanzar”. Tudo isso me parece perda de tempo, e tempo não é dinheiro, mas até pode ser, uma vez que a utilidade também contempla finanças. Essa é a forma que encontro para não deixar com que minha vida seja tomada pelo desperdício de tempo e, para tal, é preciso compreender a ciência do tempo perdido.

A ciência do tempo perdido

Esse é um saber que instituí para mim e consiste em saber exatamente o que vale a pena ser feito e o que não vale, quanto tempo cada coisa que vale a pena ser feita gasta e não se demorar mais do que seria o esperado fazendo aquilo, saber que há coisas de que não se pode fugir e que devem ser otimizadas. Quando tentei explicar a ciência do tempo perdido à Vivi, ela disse que eu era uma taylorista da minha própria vida. “Oi?”, indaguei. Ela então falou de uma tal de Administração Científica, de seu idealizador, o Taylor, do controle dos movimentos, dos gestos, de trabalhadores controlados nos mínimos detalhes dos seus corpos docilizados por uma ciência da administração que visa o lucro, da ciência quando se distorce e fica contra o ser humano para ficar a favor das máquinas. “As fábricas, os escritórios”, ela disse. “Que que tem?”, falei. “Imagina os operários, os funcionários, os trabalhadores e as trabalhadoras serem controlados em seus movimentos de trabalho para executarem as tarefas de modo a desperdiçar menos tempo e produzir mais para dar lucro ao patrão? Já imaginou?”, ela me encarando fixamente e eu fixamente tentava imaginar o inimaginável até que ela arrematasse dizendo que eu estava assim, taylorista comigo mesma a troco apenas da minha neurose obsessiva. “Acho que você precisa procurar uma psicóloga”, finalizou. E completou: “Assim, você troca essa maldita ciência do tempo perdido, essa besteirada, e bota em prática a ciência do tempo usufruído”.

A ciência do tempo usufruído

Quando cheguei ao psicólogo (porque preferi ser atendida por um homem, claro), falei sobre isso. “Vim porque minha namorada quer que eu troque a minha antiga ciência do tempo perdido pela

promissora ciência do tempo usufruído”. Ele disse algo como “fa-le-me mais sobre isso” e escorregou na poltrona, olhando-me com atenção. “Na verdade”, eu disse, “não sei bem do que se trata, as-sim, ao pé da letra e da realidade, estou deduzindo por eliminatória. Sabe eliminatória, quando você está numa prova de questões de múltipla escolha e precisa chutar?” Ele meneou a cabeça de modo incompreensível e continuei explicando que a ciência do tempo usufruído só poderia ser o contrário da ciência do tempo perdido. “E o que é a ciência do tempo perdido?”, ele perguntou, na pausa de tempo que fiz de modo proposital, essa dança do diálogo, a ciência da interlocução. “Ora, é aquela que contabiliza o tempo em termos de perdas e ganhos, em termos de acúmulo e desperdício, em termos de retiradas e depósitos, em termos de infinito e limites”. Tudo o que eu fazia era pensado em termos de utilidade. Com o tempo usufruído, acredito que teria de relaxar. Teria de simplesmente fazer as coisas sem contar muito quantas horas, minutos e segundos gastei. Ou seja, usufruir. Usufrui-se de algo quando se está entregue a esse algo. Acontece que não sei fazer isso, só sei falar sobre isso. Não gosto de perder tempo, então não sei usufruir dele.

O psicólogo então se esticou um pouco e me interrompeu: “Você então retém o tempo para que ele te domine desse jeito?”, foi o que disse meu terapeuta simulando, malandramente, uma interrogação. À qual respondi: “É”. E ele disse, atento ao tempo lógico e me mandando embora em seguida: “Então você precisa ficar atenta à ciência do tempo usurpado. Ela é a sua senhora”.

A ciência do tempo usurpado

Foi depois que descobri essa coisa do tempo lógico, claro. Reclamando com a Viviane que o cara me dispensou em menos de

meia-hora, ela explicou que a linha de trabalho do doutor Juventus era a de Lacan. Fui atrás de saber mais, porque pesquisei tudo, isso faz parte dessa coisa toda de ser neurótica obsessiva, mas pouco entendi daqueles “matemas”, daqueles “outro” com “O” maiúsculo, daqueles “S” com um risco em cima, daquelas frações atípicas. Eu nem sou uma pessoa que desacredita de saberes que não seguem o método científico clássico, sabe? Não sou, tampouco, uma pessoa que acha que tudo tem de ser medido, controlado e passível de reprodução para que seja considerado objeto de conhecimento, afinal, estudei francês-português, sou de um curso de Humanas, acredito piamente no fato de que objetos diferentes demandam metodologias de investigação diversas. Admiro a Viviane por seu empenho no estudo da Psicanálise. Freud foi um cara genial, até onde sei. E todo esse saber, que hoje nos chega em novelas, em filmes, só nos chega porque houve aquele homem lá, fazendo ciência à moda dele, aperfeiçoando um conhecimento que era clínico, segundo a Viviane me explicou. Não nego nada disso, e talvez nem negasse que sou também capricorniana. O problema é quando se começa a escrever de um modo ininteligível. Pesquisei um pouquinho de psicanálise lacaniana e não consegui arrebanhar um conceito sequer para argumentar com o doutor Juventus contra aquele tal de tempo lógico que o fez me dispensar com menos de trinta minutos de sessão e cobrar aquele tanto. Saí com a expressão “ciência do tempo usurpado” na cabeça sem nem ter podido refletir sobre o que seria essa ciência, me senti acumulando noções mal-acabadas, atropelando ideias, bagunçando um quarto e o deixando para trás com todas as portas de armário escancaradas. Até sonhei naquela noite, mas nunca que ia ser eu a louca de entregar um sonho de bandeja ao doutor Juventus, logo depois da primeiríssima sessão, a sessão inaugural,

reduzida pela metade e cobrada na íntegra, e aí a Viviane aproveitou para dizer que sou avarenta até com o meu inconsciente.

— Certo. E o que você acha então que é essa tal de ciência do tempo usurpado, Vivi?

— Acho que é a forma insana como você lida com o tempo. O fato de que você faz uma ode ao modo de produção capitalista. Você não se pergunta para quem você trabalha, a quem você é útil quando se propõe utilidade. Você cisma de acordar cedo aos domingos, me obriga a levantar antes das nove, e nem se pergunta o porquê dessa servidão. O tempo te foi usurpado e você não se dá conta disso.

— E quem teria me usurpado o tempo? O sistema?

— Você vai achar besteira, mas em uma palavra batida, paroxítone e trissílaba, sim, o sistema.

— Sei.

— Aquilo que faz lucro em cima de você, a quem interessa que você se sinta mal quando para, mesmo que a utilidade que você persegue não seja traduzida em moedas ou números. O que importa é que você fique num eterno *mood* de produção. Te usurparam o tempo, a capacidade crítica, a tranquilidade. Não demora e vão te usurpar o sono.

— Caramba, e o que faço, então?

— Mande tudo pastar. Edifique a ciência do tempo aleatório.

A ciência do tempo aleatório

Então ela me mandou a foto dos tais relógios moles, do Salvador Dalí, e disse, com um sorriso enigmático, que eu me inspirasse

naquilo ali. “Se quiser, fale disso com o seu analista”. Eu, no entanto, não pretendia voltar no doutor Juventus tão cedo. Ele me devia pelo menos meia sessão, eu havia pagado uma sessão inteira e ele me dispensou antes, na maior cara lavada, e, de mais a mais, gostaria que ele me explicasse aquela história de tempo lógico para que eu contrapusesse a minha ciência do tempo aleatório.

A ciência do tempo aleatório, fui concluindo, era superior à ciência do tempo usufruído, uma vez que usufruir do tempo é ainda um objetivo a ser perseguido. A ciência do tempo aleatório, por sua vez, não prestava contas a ninguém, e talvez não merecesse sequer o nome ciência. Talvez lhe valesse a alcunha de saber do tempo aleatório, aquele que não se encaixa em regras, previsibilidades, tabelas, que não pode ser traduzido por símbolos, que não tem equivalências porque pode ser qualquer coisa. Pode ser que a hora, a propósito, não comporte sessenta minutos, que o dia não abarque vinte e quatro horas e pode ser que a hora seja algo a ser definido em termos não-numéricos, mas qualitativos. Tempo aleatório é aquele que não tem amarras, não tem fronteiras, é contabilizado de um jeito inteiramente novo. Sua natureza é diferente da natureza do tempo tal qual o conhecemos. “Que natureza?”, ele perguntou, o doutor Juventus, na segunda sessão, a qual não consegui ignorar (admito) e compareci chegando, inclusive, com dez minutos de antecedência e ansiedade. “Que natureza?”, repetiu, vendo que eu me distraíra. “A do tempo”. “E o que é isso que você chama tempo?”.

Uma breve história do tempo

Eu sei lá. O que é o tempo? Não fazia a mais vaga ideia. A pergunta que o sabido doutor Juventus me lançou naquela segun-

da sessão, ainda mais rápida do que a primeira, suscitou silêncio. Pausa. Não saberia dizer se o silêncio é uma forma de o tempo se expressar, mas a pausa certamente é uma variante do silêncio.

Eu usava a palavra tempo como quem respira e sequer sabia do que estava falando. Eu era neurótica com o tempo, evitava perdê-lo e, por isso, queria conhecer ao máximo sua mecânica, sua lógica, a fim de domesticá-lo. Eu descobria que não sabia usufruir dele e que, mesmo aleatório, ele me escapava. Tudo isso sem saber o que era o tempo.

Com talvez menos de vinte minutos de sessão, fui ejetada da sala do doutor Juventus e busquei uma *internet* veloz. Comecei as buscas. Descobri que havia uma breve história do tempo, e não por ser breve, mas por ser sucinta em sua narrativa, partir de um começo de tudo, um começo bem questionável, como quaisquer suposições de origem podem ser. O *Big Bang*, de que eu tanto ouvira falar, era talvez o início de tudo. Mas eu pouco sabia daquilo, eu era uma pessoa de Humanas, havia tido dificuldade com equações de qualquer grau. O livro do Stephen Hawking me caiu nas mãos e eu, pela primeira vez, ouvi falar em teoria das supercordas e em cones de luz. Tudo me pareceu muito espiritual e lúdico ao mesmo tempo, mas consegui avançar na leitura, era uma linguagem um pouco mais fácil do que a de Jacques Lacan. Pesquisar o tempo me fez chegar ao espaço que me fez voltar ao tempo que me levou aos gregos, que me estacionou em cronos. Cheguei também a Bergson, à duração, e nada se esclareceu para mim, tornei aos gregos, estava nos pré-socráticos. Viviane, ao meu lado, enfronhava-se em leituras de Psicanálise, e eu a interrompia: “Você já ouviu falar no cara que disse que não se pode entrar num rio duas vezes?”. Sem desviar os olhos de sua leitura, ela disse:

“Heráclito”. Ela sabia um monte de coisas e conseguia dormir até meio-dia aos domingos, gostava de redes, praia, adorava zanzar. Voltei às leituras, tudo flui.

As pesquisas de *internet* são como ganchos que se acoplam ao inesperado e aquilo tudo me levou à Literatura, à busca do tempo perdido, ao valor da memória e sua ligação com as sensações, Proust e seu linguajar poético. As pesquisas de *internet* são como ganchos quebradiços, e muitas vezes não levam a nada ou levam a pilhas de palavras que não sabemos o que são, temos as indicações nas mãos, as portas fechadas, as placas nas portas, sabemos quem está ali dentro ou quem deveria ocupar a sala, mas nada sabemos sobre ele e, ao final de tudo, temos essa lista aleatória, a busca do tempo perdido de Heráclito nos cones de luz envoltos por supercordas no espaço que é breve e flui. Sem contar o tempo lógico, que finalizou a terceira sessão em ousados quarenta minutos.

Em busca do tempo perdido

Definitivamente, eu sabia que não esgotaria minhas buscas tão cedo. E que as sessões com o doutor Juventus não me trariam respostas fáceis. Que eu não deixaria de ser uma neurótica obsessiva capricorniana mulher *sapiens* nunca e, mesmo se deixasse de ser, encontraria outras nomeações para mim. Aquela era a minha sinopse. E eu sabia também que não seria de uma hora para outra que eu conseguiria me libertar da minha neurose do tempo, que não conseguiria chegar facilmente à ciência do tempo usufruído, nem à ciência do tempo aleatório. E que eu precisava, talvez, recuperar o tempo usurpado. Não sabia como fazê-lo, mas descobri

que no divã do doutor Juventus alguma coisa poderia ser resgatada e, por fim, retocada. Como um borrão na pele, que você retira passando um algodão umedecido bem devagar, com movimentos delicados. Ali, tentando arrancar dele um pouco mais de atenção, talvez eu pudesse enveredar para o tempo lógico da sessão de análise. E sair do consultório sem reclamar. Estava nas mãos do analista o fim do meu tempo com ele. Estava nas mãos do doutor Juventus dizer: “Nosso tempo acabou por hoje”.